NOVA GEOPOLÍTICA PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

SARAH THEURICH

DIRETORA ASSOCIADA PARA AMÉRICA LATINA DA GEOECONOMICA

DA REDAÇÃO

A GeoEconomica (www.geoeconomica.com) é uma consultoria de análise de riscos políticos, com sede em Genebra, na Suíça. Sarah Theurich trabalhou, durante vários anos, numa organização da ONU em Genebra e estudou na London School of Economics (LSE), na Queen Mary University of London e na Sorbonne, entre outras instituições.

AGROANALYSIS: A INTERNACIONALIZAÇÃO PROVOCA DESAFIOS AO SETOR AGROPECUÁRIO?

SARAH THEURICH: Nas análises associadas à inserção internacional do agronegócio, produtores, investidores e exportadores agropecuários brasileiros precisam ser sensibilizados sobre a dimensão da geopolítica e os riscos geopolíticos. Com a globalização, o Brasil tornou-se, de forma rápida, uma potência mundial em alimentos, fibras e biomassa, com liderança na produção e na exportação em diversas cadeias produtivas.

No entanto, para tomar emprestada uma expressão comumente usada no próprio agro, o mundo político fora da porteira fica cada vez mais complexo. Com a evolução recente da conjuntura geopolítica global, desafios emergem para o setor agropecuário. Temos de fazer as considerações habituais sobre os ambientes econômico e comercial, mas a incorporação de uma perspectiva de cenários e riscos geopolíticos às decisões estratégicas do agronegócio passa a ser essencial.



QUAL É A CONTRIBUIÇÃO DA VISÃO GEOPOLÍTICA PARA O BRASIL?

ST: A geopolítica mostra como mudanças nas relações de poder internacionais afetam determinadas regiões do mundo. Isso ajuda no entendimento sobre como riscos geopolíticos e políticos afetam o ambiente de negócios. O agronegócio brasileiro, por exemplo, tem na Ásia um destino importante das suas exportações. O que acontece com a China e a sua inserção regional, com a maior competição entre os EUA e a China, ou mesmo com a Coreia do Norte, afeta decisivamente o ambiente de negócios do agro naquela região. Nosso propósito na GeoEconomica é buscar auxiliar empresas do setor do agronegócio a incorporarem cenários internacionais em sua avaliação estratégica de oportunidades de negócios.

Ao mesmo tempo, o Brasil está no circuito dos investimentos estrangeiros diretos para infraestrutura e logística. Isso cabe tanto ao lado dos suprimentos de insumos, como ao escoamento da produção agropecuária. Assim, uma rede sofisticada desenvolve-se ao redor do agronegócio do País, em termos de tecnologia, indústria e serviço. Esse sistema precisa, também, compreender quais são os riscos políticos no Brasil e os riscos geopolíticos da América do Sul para decidir sobre estratégias de investimentos.

EXISTEM TENDÊNCIAS NAS QUESTÕES GEOPOLÍTICAS?

ST: A rápida diversificação geopolítica em relação aos mercados transformou o Brasil em um verdadeiro *global trader*. De um lado, tem-se o destaque no atendimento dos novos consumidores da Ásia, do Oriente Médio e do Golfo Pérsico, e, de outro, dá-se a manutenção de parceiros tradicionais como os Estados Unidos (EUA) e a União Europeia (UE). O resultado foi positivo, com ampliação considerável das exportações agropecuárias brasileiras.

Em 2015, China, EUA e UE representaram quase três quartos das exportações brasileiras, tendo o restante ficado com os demais países. Esse caráter global reforça a necessidade de compreender e integrar às decisões estratégicas as análises sobre os riscos geopolíticos e os impactos sobre os fluxos, seja de investimento ou de comércio. Desdobramentos políticos como a eleição de Trump, o Brexit, a crise do Catar e a instabilidade política em partes da América Latina podem afetar o agronegócio brasileiro e gerar riscos ou oportunidades de negócios. Por isso, temos de olhar, hoje, para as grandes tendências geopolíticas, com as suas potenciais interferências no agronegócio.

> “O RESULTADO FOI POSITIVO, COM AMPLIAÇÃO CONSIDERÁVEL DAS EXPORTAÇÕES AGROPECUÁRIAS BRASILEIRAS.”

PODEMOS COMEÇAR PELA INDEFINIÇÃO DA CONFIGURAÇÃO DO PODER INTERNACIONAL?

ST: Sim. O processo de desconcentração do poder mundial iniciado há mais de duas décadas ainda está em curso. O sistema internacional contemporâneo deixou a unipolaridade do pós-Guerra Fria centrada no poder indiscutível dos EUA. Após a crise financeira de 2008, alguns anteviam a multipolaridade, fato que não necessariamente se realizou. O caminho cresce, agora, no sentido da relação entre EUA e China, com momentos de cooperação e competição entre eles. Isso poderá definir novas

dinâmicas do sistema internacional nos próximos anos, com consequências importantes para o Brasil e a América Latina.

HÁ ESPAÇO PARA O MERCADO COMUM DO SUL (MERCOSUL)?

ST: No plano geral, temos de estar conscientes de que o ambiente estratégico do comércio e dos investimentos agropecuários será afetado pelo rumo a ser dado nessa evolução da configuração do poder internacional. Há incertezas geopolíticas ao longo da Eurásia – da Europa ao Oriente Médio e à Ásia –, cujos mercados são expressivos no agronegócio.

Existem oportunidades estratégicas para o agronegócio que não podem ser desperdiçadas, como o acordo futuro de livre-comércio entre o MERCOSUL e a UE, assim como o fortalecimento e a aproximação do MERCOSUL com os países da Aliança do Pacífico, o segundo maior bloco econômico da América Latina em exportações. Demandas potenciais devem surgir com o aumento da renda em países da África subsaariana. Para completar, tem-se a "nova Rota da Seda" da China, vinculada ao processo de interiorização da sua economia e à busca de moldar o espaço centro-asiático de investimento, infraestrutura e comércio.

E O RISCO DE UM PROCESSO DE DESGLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA?

ST: O jornalista econômico do Financial Times Martin Wolf fez uma observação interessante de que "a economia mundial ainda não está se desglobalizando, mas não está mais se globalizando". A política do "*America first*" e, em particular, o recuo dos EUA em relação à Parceria Transpacífica (TPP), assim como o Brexit na Inglaterra, são certamente sinais de certo receio no Ocidente em relação à globalização. Segundo dados da Organização Mundial do Comércio (OMC), entre 1950 e 2008 a expansão do comércio global foi o triplo do aumento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Mas, a partir de 2011, com taxas convergentes, o incremento do comércio ficou abaixo do registrado pelo PIB mundial em 2016. Essa desaceleração econômica e do comércio global pode descortinar tensões políticas antes matizadas por interesses e fluxos econômicos.

PODEMOS GENERALIZAR ESSE PROCESSO?

ST: Devemos focar em áreas sensíveis, como a Ásia, o Pacífico e o mar da China, cujas economias são vitais para o Brasil em termos de comércio externo e fontes de investimento. Riscos geopolíticos não podem ser ignorados. As exportações do agronegócio, como os setores de grãos e carnes, por exemplo, dependem fundamentalmente da estabilidade geopolítica para continuar fluindo. Não parece trivial que, no mar do sul da China, naveguem navios que representam um terço do comércio exterior brasileiro e US$ 5 trilhões do comércio mundial.

> "HÁ INCERTEZAS GEOPOLÍTICAS AO LONGO DA EURÁSIA – DA EUROPA AO ORIENTE MÉDIO E À ÁSIA –, CUJOS MERCADOS SÃO EXPRESSIVOS NO AGRONEGÓCIO."

DEVERÁ PERSISTIR UM DESCOMPASSO ENTRE AS MUDANÇAS NO PODER MUNDIAL E A ORDEM INTERNACIONAL?

ST: Vamos fazer uma rápida retrospectiva. A ordem internacional contemporânea, com a arquitetura de regimes, instituições e mecanismos de governança, faz parte de um plano formatado a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esse modelo encontra-se, agora, fragilizado por sinais de potencial desengajamento dos EUA nas instâncias de acordos multilaterais. Um enfraquecimento da OMC certamente afeta diretamente o agronegócio, por esta representar a única arena para a negociação de questões sistêmicas, como os subsídios. Isso explica, em grande parte, o travamento das negociações da Rodada de Doha, iniciada em 2001. Precisamos observar o que vai acontecer na Conferência Ministerial da OMC, no final deste ano, em Buenos Aires.

> “AS (...) CADEIAS PRODUTIVAS [DO AGRONEGÓCIO] INCORPORAM TECNOLOGIA, QUALIFICAM PROCESSOS, CAPACITAM RECURSOS HUMANOS E MELHORAM A GESTÃO.”

AS TRANSFORMAÇÕES GEOPOLÍTICAS SÃO DINÂMICAS E NÃO PARAM?

ST: Teremos de acompanhar de perto as repercussões desse processo para a tomada de decisão e o posicionamento internacional do agronegócio brasileiro. Este setor tem sido um dos principais agentes das mudanças econômicas e sociais ocorridas no País. As suas cadeias produtivas incorporam tecnologia, qualificam processos, capacitam recursos humanos e melhoram a gestão. Com a produção em larga escala tecnificada e as atividades em nichos de mercado de alto valor agregado, o potencial existente é enorme.

Para sustentar essa vantagem competitiva, num ambiente de evolução mundial, as autoridades públicas e as lideranças privadas do setor devem estar atentas. Será fundamental incorporar à sua estratégia internacional um procedimento sistemático de monitoramento das tendências, das oportunidades e dos riscos geopolíticos globais, assim como dos seus impactos para o setor e a empresa. A GeoEconomica tem auxiliado os seus clientes em inteligência geoestratégica e gerenciamento de riscos geopolíticos globais. Isso ajuda na competitividade e na tomada de decisões estratégicas de longo prazo para os produtores, os investidores, as associações, as empresas e os *traders*. ■